

Universidade: transformações na profissão acadêmica.

Padilha y Regina Célia Habib Wipieski.

Cita:

Padilha y Regina Célia Habib Wipieski (2014). *Universidade: transformações na profissão acadêmica*. VIII Jornadas de Sociología de la UNLP. Departamento de Sociología de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, La Plata.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-099/511>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/eCvm/pay>

**UNIVERSIDADE:
TRANSFORMAÇÕES NA PROFISSÃO ACADÊMICA**

Regina Célia Habib Wipieski Padilha

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Paraná, Brasil

re.habib@uol.com.br

Paulo Guilhermeti

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Paraná, Brasil

pauloguilhermeti@ig.com.br

Resumo

Este artigo enfoca o trabalho docente nas universidades públicas estaduais do Paraná/Brasil. Inicialmente problematiza-se o atual contexto marcado pela reestruturação produtiva e pela reforma de Estado e as transformações pelas quais vem passando a universidade brasileira. A partir daí o estudo volta-se para o cotidiano docente por meio de entrevistas realizadas com trinta e seis docentes vinculados a três universidades públicas estaduais. Analisa-se as entrevistas feitas com os docentes e discutem-se tendências observadas nos dados coletados. Postula-se a constituição de uma nova métrica do tempo e uma nova espacialização no trabalho docente resultante das mudanças político-econômicas, cuja tônica é a gradativa desobrigação do financiamento público. A mercantilização do conhecimento através da privatização de cursos e da inovação tecnológica subordinada também é discutida. Abordam-se algumas repercussões das condições objetivas sobre as atividades acadêmico-científicas e políticas do corpo de professores como o envolvimento deste com práticas do quase-mercado educacional, a falta de tempo para o trabalho de cunho intelectual e o esvaziamento da política sindical.

Palavras-chave: universidade; trabalho docente; reforma de Estado.

Abstract

This work focuses faculty's work at public Universities in the state of Paraná/Brasil. At first the present environment signed by productive reforms and the state restoration as well as the changes which Brazilian Universities have been passing through are taken into consideration. Afterwards the study turns to teachers' everyday life regarding interviews made with thirty six teachers (professors) engaged in three public Universities in the state. The interviews are analyzed and tendencies in the data are discussed. The constitution of a new time measurement and the building of a new space in the teachers' work coming out from political and economical changes whose stress is on the gradually lack of obligation of public finances. The trading of knowledge through privatization of courses and technological subordinated innovation is also discussed some results of objective conditions about academic-scientific and political activities of the faculty such as their engagement with praxis of the educational quasi market, the lack of time for intellectual work and the emptiness of Unions policies are also approached in this work.

Key-words : university; faculty's work; state reforms.

Resumen

Este artículo enfoca el trabajo docente en las universidades públicas provinciales del Paraná/Brasil. Inicialmente se problematiza lo actual contexto marcado por la reestructuración productiva y por la reforma de Estado y las transformaciones por las cuales vienen pasando la universidad brasileña. A partir de ahí el estudio se vuelve para el cotidiano docente mediante entrevistas realizadas con treinta y seis docentes vinculados a tres universidades públicas provinciales. Se analizan las entrevistas hechas con los docentes y se discute tendencias observadas en los datos colectados. Se postula la constitución de una nueva métrica del tiempo y una nueva espacialización en el trabajo docente resultante de los cambios político-económicos, cuya tónica es la gradual exención del financiamiento público y la comercialización del conocimiento a través de la privatización de cursos y de la innovación tecnológica subordinada. Se aborda algunas repercusiones de las condiciones objetivas sobre las actividades académico-científicas y políticas del cuerpo de profesores como el involucramiento de este con prácticas del casi-mercado educacional, la falta de tiempo para el trabajo de cuño intelectual y el vaciamiento de la política sindical.

Palabras-claves: universidad; trabajo docente; reforma de Estado.

Este estudo tem como foco a docência nas universidades públicas estaduais do Paraná/Brasil e postula a constituição de uma nova métrica do tempo e uma nova espacialização no trabalho docente resultante das mudanças político-econômicas. Abordamos, inicialmente, a problemática que envolve o trabalho docente na universidade colocando como tópicos centrais a reestruturação produtiva e as ações reformistas que têm incidido sobre a estrutura do Estado e da instituição universitária. Em seguida, apresentamos e discutimos relatos de docentes das universidades paranaenses de modo a delinear algumas das repercussões das condições objetivas sobre as atividades acadêmico-científicas e políticas do corpo de professores.

REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA, REFORMA DE ESTADO E MUDANÇAS NA INSTITUIÇÃO UNIVERSITÁRIA

A nova conformação da base produtiva ganha corpo no globo indistintamente e, segundo Sennett (2005), o “ingrediente de mais forte sabor nesse novo processo produtivo é a disposição de deixar que as mutantes demandas do mundo externo determinem a estrutura interna das instituições.” (p. 60).

A instituição universitária vem sendo afetada pelos novos contornos econômicos, políticos e sociais. Em sua dinâmica interna têm se inserido diferentes formas de organização, de funcionamento e novos mecanismos de controle decorrentes da redução do financiamento estatal no setor público de ensino superior - no qual se inclui o congelamento salarial que docentes e funcionários das universidades estaduais paranaenses têm enfrentado - e do acelerado processo de privatização e empresariamento desse nível de ensino. Essa dinâmica é movida pelo estímulo oficial à captação de recursos no mercado e à criação e expansão de organizações privadas no interior das universidades públicas – atendendo à recomendação do Banco Mundial de diversificação de fontes de manutenção. Decorrente disso há um processo de expansão do número de alunos, cursos, de unidades, embora com menos recursos e sem aumento substantivo no corpo docente.

Como nos mostra Sguissardi (2005), a matriz inerente às mudanças altera o funcionamento das universidades, da ciência e da tecnologia.

Jamais como hoje a universidade foi pensada como parte da economia. Jamais como hoje o conhecimento, a ciência e a tecnologia foram tão valorizados como mercadoria capital a ser apropriada hegemonicamente pelas grandes corporações globalizadas e no interesse dos países centrais. (p.215).

As alterações são desencadeadas por mecanismos que extrapolam a instituição universitária, mas também encontram no interior dela práticas que colaboram com sua sedimentação. Os determinantes políticos e econômicos, os novos processos de trabalho e uma concepção *neoprofissional, heterônoma, operacional e empresarial/competitiva* (SGUISSARDI, 2005), perpassam a instituição alterando suas bases e o trabalho docente.

Reflexo de uma conjuntura sócio-político-econômica e ao mesmo tempo reprodutora desta, a docência se situa nesse contexto que delinea um novo modelo de educação superior. Tal modelo comporta como atributos a aceleração do tempo e a flexibilização/precarização dos espaços, dentre outros.

A aceleração do cotidiano compromete a produção acadêmica, o trabalho intelectual, porque suprime o tempo necessário à invenção. Além disso, altera a vida dos docentes, retira-os do convívio familiar e priva-lhes do lazer. A flexibilização/precarização das condições físicas das instituições deteriora os processos interativos e intensifica o trabalho docente na medida em que muitas atividades são desenvolvidas nos domicílios dos docentes e estes passam a assumir, dentre outras, a responsabilidade também pela busca de recursos para melhorar seu próprio ambiente de trabalho. Ambos – aceleração do cotidiano e

flexibilização/precarização dos espaços - desencadeiam posturas/conduas individualistas nos docentes em virtude da ânsia de acompanhar as vertiginosas mudanças.

Nesta nova diretriz imposta para o funcionamento da universidade podem ser identificados traços fundamentais do modelo de *universidade mundial*. Estes traços afetam diretamente o trabalho docente e contêm, em sua maioria, redefinições no papel da ciência, do intelectual na sociedade e da instituição universitária; pressões para a captação de recursos complementares; dispositivos de supervisão, avaliação e prestação de contas; disponibilização de fundos que envolvem a competição, entre outros, que promovem a redefinição das categorias *público e privado* e redimensionam o dia-a-dia do docente na instituição universitária. A produção de conhecimento e o trabalho acadêmico são convertidos em administração de dados e assessoramento ao mercado. (SGUISSARDI, 1999).

A NOVA DINÂMICA DA DOCÊNCIA NA UNIVERSIDADE

Buscando uma maior aproximação desse processo de reconfiguração do fazer universitário e seguindo nosso intento de analisar o cotidiano das universidades públicas estaduais do Paraná/Brasil por entendê-las como um *locus* privilegiado para a realização deste estudo, por virem comportando, desde a década de 1990, um conjunto de alterações em seu funcionamento, mantivemos contatos mais próximos com os seus docentes visando captar, por meio de entrevistas semi-estruturadas, a forma pela qual têm se alterado as atividades dos professores. Procuramos apreender os elementos que fazem parte do dia-a-dia de alguns docentes e para tanto nos propusemos a escutar os relatos sobre suas vivências no interior e fora da universidade.

Entrevistamos um total de trinta e seis professores vinculados a três universidades públicas estaduais paranaenses, sendo doze professores de cada instituição. A escolha dos docentes a serem entrevistados seguiu dois critérios: tempo e área de atuação. Buscamos contato com docentes cuja vinculação à universidade fosse igual ou superior a dez anos para que estes contassem com vivência institucional suficiente que lhes permitisse relatar as mudanças observadas em seu afazeres no transcurso do tempo. Optamos, também, por ouvir relatos de professores das diferentes áreas do conhecimento para mapear o maior número

possível de nuances do cotidiano docente. Assim, tomamos como referência a classificação de áreas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq.

Elaboramos um roteiro de entrevistas com questionamentos amplos sobre as mudanças que os docentes observam em seu cotidiano com vistas ao levantamento das alterações que os novos encaminhamentos têm promovido nas atividades universitárias. Esses questionamentos comportaram inquietações nossas em relação à organização do trabalho docente. Optamos por propor temáticas abrangentes envolvendo questões sobre o tempo dispensado e as condições físicas disponíveis para a realização das atividades docentes. Os questionamentos adicionais feitos por nós decorreram das respostas dos entrevistados seguindo espontaneamente a linha de seus relatos de experiências.

Ouvindo aos docentes pudemos detectar suas insatisfações, preocupações, incertezas e as diferentes posições que assumem diante do novo quadro no qual a universidade está inserida. Foi-nos possível apreender como descrevem a nova dinâmica da docência na universidade e é a forma como o fazem que discutiremos a seguir, reproduzindo em itálico alguns relatos dos docentes.

Um aspecto presente na maioria das falas dos docentes entrevistados foi o da resposta afirmativa quanto à existência de mudanças substanciais no seu ritmo de trabalho indicando uma nova relação com o tempo no interior da vida institucional.

A nova relação com o tempo, marcada pela intensidade de tarefas e exigências, pela aceleração dos prazos e pelo sentimento de *culpa* e sensação de *não dar conta* está muito presente nos depoimentos.

Os cargos ou funções administrativas ocupam grande parte do tempo docente na instituição. Os docentes relataram que muitas vezes *não têm como não assumir uma função* e acabam sendo sobrecarregados não tendo *nem a opção de não querer aceitar*. Sentem-se pressionados por produção, com sentimento de culpa por tentarem compatibilizar atividades de ensino, pesquisa, extensão, administração, e o tempo que é dedicado a uma delas se dá em detrimento de outra.

Relataram que a burocracia absorve de uma forma tal, que além dela não conseguem se envolver com *mais nada*; somente podem *dar as aulas*, sobrando muito pouco tempo para dedicação à pesquisa. Participam de reuniões longas em que se discute mais sobre as *questões administrativas do que as acadêmicas*. As regulamentações internas de trato administrativo

têm se tornado mais complexas, demandando mais trabalho. Quando se dedicam à pesquisa, em geral, o fazem *extra-horário*.

Para alguns entrevistados as funções administrativas são incompatíveis com as demais funções docentes, sendo, em sua opinião, necessário separá-las das funções didático-pedagógicas, numa carreira paralela. Para eles, *não é possível levar com tranquilidade esse trabalho juntamente com atividade de ensino e pesquisa*, sendo quase insano tentar compatibilizar tais funções.

Aqueles docentes que respondem por funções/cargos administrativos e desenvolvem pesquisa informaram que só têm tempo para ir à biblioteca e *mexer com suas fontes documentais*, por exemplo, *nos horários que não são de trabalho, como o sábado*.

A sobrecarga desses docentes decorre, também, da falta de pessoal técnico para apoio. Coordenadores de curso informaram que têm sob sua responsabilidade – além de outras – as matrículas dos alunos, a organização das turmas e dos horários em sistemas *online*, trabalhando na maior parte do tempo sozinhos. Assim, muitas das atividades antes desempenhadas por pessoal técnico têm sido absorvidas pelos docentes e, segundo alguns entrevistados, a regra que parece vigorar é a de que o *professor que se vire ou desista*. Entendem que o professor gasta muito mais tempo se preocupando com a burocracia do que com suas reflexões teóricas.

Culpa e falta de tempo foram preocupações recorrentes nas falas dos entrevistados. A atual dinâmica da universidade, por consumir as energias do docente em tarefas imediatistas, inviabiliza o pensamento que quer se voltar para além do *aqui e agora*. Falta tempo para a maturação de ideias, pensamentos, para a criação. Falta tempo para reflexões, para o *amadurecimento do pensamento do ponto de vista intelectual*. Falta tempo para leituras, pois se não fizerem um *sacrifício* não conseguem ler um livro porque não dá tempo e então, precisam se justificar perante os alunos e colegas porque estão *devendo* a leitura de determinada obra ou porque o que foi possível somente foi *passar os olhos*; no entanto, não fizeram a leitura que queriam.

O desconforto em relação ao tempo é uma constante. A sensação de estar em falta, de não ter cumprido com as obrigações; os atrasos, as tarefas entregues na última hora. A justificativa: *ainda não houve tempo*.

O professor não tem tempo para ler. Vai fazer uma pesquisa e não tem tempo para pensar os problemas, dialogar com os setores envolvidos. Parece que tudo isso se torna

uma questão secundária, mas para a atividade docente ela é o núcleo central. Estudar, pensar os problemas, dialogar ...se eu for fazendo outras coisas e não tenho tempo para fazer isso, estou perdendo a questão central do conhecimento.” (E-13).

A falta de tempo degrada o trabalho docente e compromete os pilares sustentadores da universidade que a constituíram historicamente como local por excelência do conhecimento, abrigando em seu interior discussões acerca dos problemas que envolviam os povos; instituição na qual se buscavam interpretações sistemáticas para as questões postas em cada época.

Negar a necessidade do pensamento em qualquer área de atuação profissional é inadmissível. Numa famosa passagem de O Capital, Marx (1985) ilustra esta característica humana ao dizer que:

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colméia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar sua vontade. E essa subordinação não é um ato fortuito. Além do esforço dos órgãos que trabalham, é mister a vontade adequada que se manifesta através da atenção durante todo o curso do trabalho. E isto é tanto mais necessário quanto menos se sinta o trabalhador atraído pelo conteúdo e pelo método de execução de sua tarefa, que lhe oferece por isso menos possibilidade de fluir da aplicação da suas próprias forças físicas e espirituais. (p. 202).

Nesta passagem Marx elabora de uma maneira primorosa a ideia de que o homem só consegue se realizar enquanto humano quando antecipa seus atos pelo pensamento. Desconsiderar a importância do pensamento para a ação docente na universidade – um trabalho que tem um cunho eminentemente intelectual – significa perder de vista a própria condição antropológica dos seus sujeitos.

Falta tempo para pensar, para *redimensionar* a atuação, para questionar e avaliar e isto faz os docentes sentirem que *não dão conta das coisas que seriam prioritárias*.

Necessitam trabalhar *de segunda a segunda-feira sem interrupção para poder cumprir o mínimo exigido*. Porém os próprios docentes cobram de si mesmos, não conseguem fazer *só aquilo que seria o mínimo*. Desenvolvem um número maior de atribuições do que as normas internas estabelecem e isso nos remete a Hargreaves (1998) quando afirma que a maior fonte de intensificação reside na auto-intensificação realizada pelos professores. A origem da auto-intensificação está nos altos níveis de expectativa em torno do trabalho docente.

A maioria dos docentes relatou que trabalha para *além daquela carga-horária informada*. Há o cumprimento de um número superior de atividades durante o horário em que o docente permanece na instituição e *isso faz o trabalho ficar maior que as 40 horas semanais*.

A intensificação ou sobrecarga de trabalho com a qual o docente se depara pauta-se na racionalização, que, segundo Apple (1995), é um processo que provoca a erosão das condições de trabalho.

A intensificação representa uma das formas tangíveis pelas quais os privilégios de trabalho dos/as trabalhadores/as educacionais são degradados. Ela tem vários sintomas, do trivial ao mais complexo – desde não ter tempo sequer para ir ao banheiro, tomar uma xícara de café, até ter uma falta total de tempo para conservar-se em dia com sua área. (p. 39).

A docência pode ser entendida como passível de renovação constante, isto é, sempre pode ser desenvolvida de uma maneira mais abrangente e distinta a despeito, muitas vezes, das condições materiais disponíveis para sua execução. Diante disso, os professores trabalham arduamente imbuídos do compromisso com a qualidade, sintonizados com altos níveis de exigência, e o seu papel passa a ser redefinido de modo cada vez mais amplo.

Além do preparo de aulas, relatórios, assumem orientações vinculadas a programas de Iniciação Científica institucional, ao PIBIC , ao PIBIC Júnior do Ensino Médio, a Programa de Pós-Graduação lato e stricto sensu, a docentes do PDE , a Trabalho de Conclusão de Curso; supervisão de estágio; coordenação de curso; chefia de departamento; comissão de pesquisa, comissão do PIBIC, comissões para tratar de assuntos extraordinários; fóruns de discussão de temas administrativos ou científicos; colegiado de curso de graduação e pós-graduação, colegiado setorial, câmaras dos campi, câmaras dos Conselhos Superiores; liderança de grupos de pesquisa; cursos de extensão presenciais e a distância. Revisão e correção de textos de alunos e colegas. Sentem-se sufocados porque entendem que a maioria dessas atividades demanda muita pesquisa e que *não dá para realizá-las sem estar estudando*. Das reuniões que participam vem, ainda, uma carga de *trabalho extra*.

Observam o aumento no volume de trabalho, um processo que não conseguem controlar e *não podem dizer não, ou não querem dizer não* e isso se dá também por conta do compromisso assumido com alunos, colegas, com a instituição pública. Não sabem dizer por que, mas quando vêm já estão envolvidos.

Deparam-se com demandas contínuas de trabalho e os seus planos de atividades têm que ser capazes de comportar programas, projetos diferenciados e problemas a serem solucionados que surgem de maneira extraordinária, *que entram, são input*, se incorporam ao seu dia-a-dia sobrepondo-se àquelas responsabilidades assumidas anteriormente e implicam em mais tarefas.

Não existe mais o tempo linear, previsível, e as condições da nova economia fomentam a experiência com a deriva no tempo. (SENNETT, 2005). Ao se dedicar a uma atividade, outras solicitam sua atenção porque envolvem prazos. Assim, é seccionada a atenção, o raciocínio, a iniciativa e também as interações. A concentração a uma tarefa específica e o longo prazo parecem não existir mais.

O cotidiano passa a ser subdividido em ações de diferentes ordens, quer seja administrativa ou acadêmico-científica. É uma constante a urgência dos telefonemas, da convocação para reuniões extraordinárias, da correção de trabalhos dos alunos, da redação de projetos e relatórios, do preenchimento de formulários, do envio de informações aos órgãos da administração, da organização de eventos científicos. Tarefas que tomam um tempo não computado.

A participação em eventos, tão importante para a vida acadêmica, passou a ser fonte de frustração e desmotivação porque os recursos são escassos e a burocracia é imensa. Envolve tempo para ofícios, projetos, justificativas, formulários para agências financiadoras. Para uma docente entrevistada é necessário *ficar pedindo dinheiro aqui e acolá*.

Os docentes dispensam seu tempo para enfrentar a concorrência com os pares e as restrições da administração estadual em relação à ida ao exterior para cursarem pós-graduação, complementarem sua formação ou participarem de eventos científicos, mesmo que tais atividades não demandem custeio do governo estadual.

Da parte de alguns professores, o que lhes impele a se envolver cada vez mais é o compromisso com as jovens instituições públicas, com os colegas, com os alunos e o desejo de superação, de busca de melhorias que implicam em mais dedicação, mais trabalho. Uma *roda-viva*.

Informaram que gostariam de gastar mais o tempo para reler os clássicos, rever possibilidade de aplicações da teoria, ir a campo, agir na comunidade, fazer reflexões e análises. No entanto, não há tempo. Até mesmo o tempo da família está comprometido.

Muitas das tarefas são *flexibilizadas* e prolongam-se para o ambiente familiar dos docentes nos horários em que eles não têm compromissos presenciais na universidade. Há uma indiferenciação dos locais para realização das tarefas docentes; o espaço institucional e o familiar, a casa e a universidade se fundem. Assim como ficou normal não ter tempo livre, ficou *natural* trabalhar (academicamente) em casa. Alguns entendem como necessários os horários alternativos em virtude do volume de trabalho. Outros reclamaram que não podem ser como *seres normais* que chegam em casa à noite do trabalho e acabou. Com a Internet, o trabalho às vezes se estende noite adentro. Outros, ainda entendem que o prolongamento do trabalho para o ambiente familiar e para o lazer se dá por conta de uma característica própria, uma dificuldade pessoal de *separar o que é família, lazer, do que é trabalho*.

Para alguns, estão vivendo um momento de *colonização do tempo*.

O trabalho não cessa, é ininterrupto e algumas atividades necessitam ser realizadas em casa devido à falta de espaços apropriados e equipamentos nas instituições. Faltam espaços para o trabalho mais minucioso do ponto de vista intelectual.

Mesmo prolongando sua jornada laboral para o tempo de casa, cuidam-se para que o contrário não aconteça, isto é, para não levar para o interior da instituição questões pessoais. Nem mesmo o e-mail pessoal se permitem acessar porque têm como critério abri-lo somente em casa e como nesta por vezes não dispõem de tempo, podem ficar semanas sem acessá-lo, limitando-se a ler o e-mail profissional.

O trabalho é fisicamente descentralizado e a métrica do tempo passou do relógio para o computador. Sennett (2005), referindo-se à organização do tempo no local de trabalho menciona que as organizações flexíveis têm adotado o flexitempo que consiste num mosaico variado e individualizado de tempos de trabalho, porém, o que parece ser uma libertação da rotina padronizada representa uma submissão eletrônica porque está entretecido numa trama de controle.

A totalidade dos docentes entrevistados depara-se com a necessidade de dispensar tempo à Internet, mas cuida-se constantemente para *não perder tempo*, até porque percebem que lá há muito *lixo*. É necessário buscar e filtrar informações, ler para se manterem atualizados, acessar o correio eletrônico, pois se deixarem de checar diariamente correm o risco de passarem por negligentes; preencher formulários, mesmo que muitas vezes a sensação seja a de que têm que *parar a vida para preencher os formulários do CNPq*.

Trabalhar em casa libera tempo na instituição para que o docente se envolva com tarefas menos intelectuais e mais mecânicas.

A fusão do tempo do trabalho/tempo da família e espaço do trabalho/espaço da família em decorrência da quantidade de obrigações profissionais atribuí à vida do docente um movimento peculiar em que o número de horas dedicadas às atividades docentes vem aumentando gradativamente e ocupando o tempo antes dedicado a *coisas que davam prazer*.

A maioria informou que tem o lazer anulado em suas vidas. Por vezes se obrigam a ir ao cinema no domingo com familiares, porém relataram que já se flagraram no meio do filme *olhando no relógio e pensando:essa coisa não termina nunca*. Consideram que mesmo num domingo aquilo não é permitido. A rotatividade mental é tão grande que não conseguem desacelerar, não conseguem ter lazer.

Sentem *remorso* de ter tirado tempo para o lazer e, mesmo nele a mente continua no trabalho. Não se sentem confortáveis quando têm tempo livre. O tempo livre, quando não é utilizado para se encontrar com colegas da universidade e discutir algum assunto pendente, é usufruído com culpa.

No entanto, o tempo livre é fundamental, já que a própria origem da escola vem do ócio, do tempo livre. À medida que os docentes vão ocupando o tempo cada vez mais, entram na engrenagem do fazer por fazer.

Contrariamente à concepção gramsciana, que faz referência à autonomia e liberdade conquistadas no trabalho resultando numa situação em que o operário se torna patrão de si, podemos afirmar que hoje cada professor se tornou um *patrão de si* extremamente severo, rigoroso para com seus afazeres e com o atendimento às determinações externas, não se permitindo ter tempo livre.

Nessa nova dinâmica, os entrevistados afirmaram que se sentem *correndo atrás do tempo* e que entendem que isso pode decorrer de questões pessoais, da sua falta de organização, do fato de não saberem administrar ou estarem *querendo muita coisa*.

O aumento no ritmo, na intensidade de trabalho, e a falta de tempo da maioria refletem nas condições físicas dos docentes. Uma docente da área da Saúde observou que é comum os colegas *se queixarem, reclamarem de cansaço e de desânimo, que querem férias*, mas isso que antes acontecia no final do ano passou a ocorrer já no mês de março. Para essa docente,

muitas vezes seus colegas não relacionam as dificuldades enfrentadas nas condições físicas com o trabalho e assumem como se fosse um *problema pessoal, de fraqueza física, de personalidade*.

A falta de tempo para cuidar da própria saúde é uma constante nos relatos. Consultas e exames médicos protelados ou marcados nos horários de almoço quando possível. Dificuldades para ler e preparar aulas à noite por conta de problemas de visão. Os docentes afirmaram que não admitem nem suas *fragilidades*, que se sentem *extenuados* de cansaço e que sua saúde está sempre deficitária. Nos horários de almoço no interior da própria universidade gostariam de ter uma *cadeira mais confortável para relaxar um pouco*.

Enxaqueca tensional, depressão, insônia, estresse, tensão, lapsos de memória, desânimo, desmotivação, falta de vontade de se expor, labirintite, tendinite, irritação, impaciência, ansiedade, problemas de pele, queda de cabelo, alteração hormonal, problema de peso são problemas de saúde relatados pelos docentes.

Relataram que recebem orientações médicas para que diminuam o ritmo, *levem as coisas de uma maneira mais leve*, como se estivesse no sujeito a solução de todos os problemas e não no seu ambiente de trabalho. Para uma docente é *a instituição que está doente ou está levando as pessoas a isso*.

Licenças não são tiradas e quando os docentes o fazem, ao retornarem precisam enfrentar o trabalho acumulado. Licenças especiais por vezes são tiradas para escrever dissertações ou teses quando o docente não o faz em meio a outras atividades. Geralmente é tirada somente a licença maternidade, no entanto, ouvimos o relato do membro de um sindicato sobre a iniciativa de uma professora que queria abrir mão desta. Ela buscava uma forma de não tirar a licença porque fazia plantão-docente no Hospital Universitário e isso resultava num acréscimo significativo aos seus ganhos mensais.

Observam a falta de solidariedade e a impossibilidade de um colega aliviar a sobrecarga do outro.

Muitas das demandas apresentadas aos professores não podem ou há dificuldade para que sejam por eles cumpridas pela falta de meios. Assim, a impossibilidade de responder de modo satisfatório às demandas leva-os à insatisfação, frustração e fadiga.

Resistem bravamente a tudo. Encaram as dificuldades como um *investimento na carreira e não como uma carga para carregar*, pois entendem que se querem ir a algum lugar pensam que têm que *pagar o preço*.

Estão conscientes da intensificação, mas não desejam sair dela. Alguns informaram que tentaram fazer psicoterapia para se aliviarem.

Já me falaram: *você não é obrigada, você faz porque você quer*. Eu paro e penso: *é verdade*, mas pergunte se eu quero fazer: *sim, eu quero fazer*. A gente não quer parar porque lutou uma vida toda para chegar a essa posição na academia. (E-34).

Outros, diferentemente, informaram que estão reaprendendo a enfrentar o volume de trabalho cotidiano e tentando *dizer não e não sofrer*. Estão fazendo a opção por não se sobrecarregarem para se manterem bem. Agora conseguem fazer com que pelo menos o domingo seja seu.

A iniciativa de não trabalhar nos finais de semana leva o docente a *se disciplinar* e otimizar seu tempo na instituição. Muitas vezes isso decorre de exigências familiares.

No entanto, a atenção à família pode afastar o docente dos critérios produtivistas que são as formas de acessar os recursos.

A opção por não se sobrecarregar pode levar a uma posição de menor destaque na academia porque percebem que a produção cai. Alguns estão esperando os filhos crescerem para poderem voltar *com mais força para a pesquisa*, dedicar-se mais às publicações, conseguir aprovar projetos e trazer mais recursos para a instituição.

Há a permanente preocupação com o Currículo Lattes, pois é ele que classifica o docente em produtivo ou não, que estabelece se o professor está em condições de receber financiamento para seus projetos, está apto para integrar programas de pós-graduação. É o currículo diferenciado que garante espaço na academia e financiamento de projetos.

Não trabalhar fora do horário, evitar ocupar os fins de semana faz os docentes entenderem que não conseguirão ser um *expoente na sua área*, não terão condições de se projetarem. Afirmaram que, para chegarem a ser um *referencial* na sua área têm que “fazer mais, deixar um pouco a vida pessoal”.

Entendem *que um bom curriculum depende de desprendimento e dedicação* e percebem nitidamente a diferença de um professor produtivo de um que não produz porque o primeiro *abre mão do tempo livre*.

Em vez de descansar, levo trabalho para casa ou venho trabalhar aqui fora do horário. Tem muita gente que não se sujeita a isso. Esse continua lá na etapa inicial como eu estava em 1982, dando aulas, trabalhando 8 horas por dia, cumprindo suas obrigações e com um determinado retorno. Aquele professor que se destaca, que tem uma produção melhor, que consegue uma bolsa produtividade, que é um *referencial* é aquele que trabalha às vezes o dobro das 8 horas diárias. Eu me incluo aí. Eu atingi esse patamar hoje porque abdiquei de outras coisas. É muito claro, se você se disponibiliza a usar seu tempo extra, vai ter um rendimento diferenciado, se não abrir mão do seu tempo de lazer, tempo de folga, você não se destaca, é mais um na multidão. É uma área muito competitiva. Não há a competição de um contra o outro, mas sim eu contra o mundo. As revistas são cada vez mais exigentes, para você pôr o seu trabalho tem que ter dedicação. (E-34).

Percebem que são eles, os docentes, que têm que *ir atrás de tudo*, se quiserem fazer pesquisas e ter reconhecimento para conseguir os financiamentos, têm que *trabalhar as 24 horas do dia*.

Relataram que observam mudanças no plano das interações ao longo do tempo em que atuam nas instituições. As antigas faculdades, estruturadas em um único campus que comportava professores pagos por hora-aula ministrada, número de cursos reduzido, com ênfase no ensino de graduação, se tornaram, em sua maioria, universidades multicampi voltadas para a pesquisa e para a verticalização do ensino. Os docentes ficaram mais isolados, sem as trocas que ocorriam informalmente. Por outro lado, a instituição ganhou uma dinâmica mais próxima de outras universidades com essa estrutura e passou a ter uma cobrança por produção, por atividades de pesquisa e pós-graduação.

O intercâmbio e a interação próprios de uma instituição menor foram desaparecendo. Os professores, que anteriormente se conheciam porque conviviam diariamente numa sala comum, passaram a praticamente não se verem. Entre eles, as interações no plano intelectual e humano ficaram comprometidas. Restou somente o corredor, o local do cafezinho para interagir rapidamente com os colegas, para tratar de questões salariais, para desabafar; os restaurantes ou cantinas universitárias onde muitas vezes o almoço se dá para o docente não perder tempo.

Decorrente do processo de transição de universidades que se verticalizaram *de uma hora para outra*, sem para isto estarem preparadas, há um *processo de estranhamento* que leva a disputas e desentendimentos entre docentes que atuam na graduação e docentes que atuam no pós *stricto sensu*. Tempo é dispensado também para essas disputas internas.

Em virtude desses conflitos internos, muitos docentes consideram um ônus trabalhar na pós-graduação *stricto sensu*. A criação de cursos tem sido absorvida pelo quadro docente – insuficiente – e, para que haja a abertura de concurso e ocorram contratações, os cursos devem se consolidar.

Um aspecto mencionado tanto pelos professores que atuam no *stricto sensu* quanto pelos que atuam na graduação é o de que as novas tecnologias da informação e da comunicação colaboraram para com as mudanças em curso. Alguns vêem como um fato positivo a tecnologia ser o instrumento que possibilita uma carga maior de trabalho e mantém o professor conectado as 24 horas do dia fazendo com que seja a *mesma coisa estar universidade ou estar em casa*.

Para outros, as novas tecnologias tiraram um pouco da ansiedade da ausência de informação, mas outro tipo de ansiedade surgiu, a de acompanhar a velocidade da informação. A aposta de que a informática e a velocidade de informação trariam uma folga nas atividades, a ideia de que o computador se responsabilizaria por muitas atividades e liberaria as pessoas para o lazer, não se concretizou. É necessário dispensar tempo em busca e leitura de informações.

A auto-crítica dos docentes parece não estar levando a um processo de organização coletiva. Os professores mencionaram, em seus relatos, que observam que entre eles há momentos de catarse – principalmente durante o cafezinho ou no corredor – mas depois todos voltam à rotina. Falta tempo para debates. Comentaram que as *ideias contrárias não têm um embate porque as pessoas realmente não têm tempo*.

Os docentes *correm atrás das exigências*, mas há um *empobrecimento* das relações.

A esse respeito, Castells (1999) destacando os impasses com os quais os trabalhadores se defrontam com a perda de controle sobre suas vidas pessoais e profissionais no contexto da nova sociedade em rede, evidencia

a globalização e a informacionalização, determinadas pelas redes de riqueza, tecnologia e poder, estão transformando nosso mundo, possibilitando a melhoria da nossa capacidade produtiva, criatividade cultural e potencial de comunicação. Ao mesmo tempo, estão privando as sociedades de direitos políticos e privilégios. (...) a repentina aceleração do tempo histórico, aliada à abstração do poder em uma rede de computadores, vem desintegrando os mecanismos atuais de controle social e de representação política. À exceção de uma elite reduzida de globopolitanos (meio seres humanos, meio fluxos), as pessoas em todo mundo se ressentem da perda do controle sobre suas vidas, seu meio, seus empregos, suas economias, seus governos, seus países e, em última análise, sobre o destino do planeta. (p. 93-94).

O produtivismo acadêmico diminui os tempos para a interação. Alguns professores, ao incorporarem o processo de avaliação produtivista, entendem que participar de reuniões do colegiado ou assembléia do sindicato é perda de tempo e isso traz dificuldades do ponto de vista organizacional. Se o tempo tirado para a família e para o lazer é visto com reprovação, ainda mais o é o tempo dedicado a discussões de problemas da universidade ou sindicais. Esta postura colabora com a manutenção da situação atual do sistema de ensino superior, isto é, essa desmobilização sindical contribui para a continuidade da política de desobrigação crescente do Estado em relação ao financiamento integral do ensino superior.

Envolvidos na engrenagem que permeia seu trabalho, o docente, muitas vezes, opta pelo individualismo para suportar o cotidiano intensificado.

Harvey (2002), ao tratar dessas novas exigências do sistema de produção contemporâneo, assinala que a imposição delas sobre os trabalhadores se deu de modo tão veloz que provocou uma falta de referências. Decorrente disso, os profissionais inconscientemente desencadearam mecanismos de defesa, sendo um deles o silêncio assim descrito pelo autor: “um tipo de silêncio exaurido, blasé ou encouraçado, e inclinar-se diante do sentido avassalador de quão vasto, intratável e fora do controle individual ou mesmo coletivo tudo é.” (p. 315).

Em seus relatos, muitos docentes afirmaram que percebem que a melhor forma de mostrar o potencial é através do trabalho, não é com greve, *com briga*. Consideram em vão a luta porque *as coisas já estão bem delineadas e falta abrir os olhos que o ensino público superior está se esvaindo e não é de hoje, e as coisas estão caminhando para isso. As coisas vêm em instâncias superiores.*

Assim, de modo geral, podemos afirmar que o quadro no qual tem se dado o trabalho docente nas universidades públicas estaduais paranaenses comporta uma nova organização do tempo e do espaço que inibem tanto a auto-organização como a organização coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados coletados nos permitiram inferir que os docentes têm sido impelidos a ministrar mais aulas, propor mais projetos, aumentar quantitativamente sua produção intelectual. São, também, pressionados a captar mais recursos envolvendo-se com as práticas

do quase-mercado educacional a fim de criar e/ou manter suas condições de trabalho. Esse quadro os leva, segundo nosso entendimento, a buscarem isoladamente seus interesses pessoais e a competir com seus pares.

Muitos projetos funcionam de maneira fragmentária atendendo a interesses particulares de integrantes da comunidade universitária e voltando a instituição para ela mesma, perdendo de vista a necessidade de transformação da sociedade e rendendo-se às exigências circunstanciais do mercado.

As falas a seguir sintetizam, a nosso ver, o momento vivenciado pelos docentes entrevistados.

A gente acaba entrando nessa roda-viva e vai colocando os outros também; o aluno, o colega. (E-24)

É mais fácil você entrar na roda-viva do trabalho do que você se manter num cotidiano mais saudável. (E-11).

Elas nos reportam naturalmente à composição de Chico Buarque intitulada Roda-Viva que exprime uma situação de desnorтеio que comparamos àquele em que encontramos muitos docentes paranaenses. Roda-viva, segundo o dicionário, é movimento incessante, corrupio, porém, na composição, contrariamente ao que significa a palavra, a roda-viva está associada à morte. A roda-viva obstrui o movimento da vida arrancando-lhe os germens e tudo o mais que ainda se encontra em desenvolvimento.

No cotidiano docente, a roda-viva arrebatava os docentes de tal forma que suas contribuições ao conhecimento cultivadas com esforço não têm espaço para promover discussões e promover avanços.

A roda-viva expressa uma ação abortiva, que carrega tudo: *você pensa: E eu? E o meu alimento intelectual? Tenho vontade de fazer coisas novas. Construir novos campos de pesquisa. Quero começar novamente. Não me sinto satisfeita.* (E-19).

Os docentes vêm estancada sua capacidade de decidir o próprio destino, de adquirir autonomia: *a grande maioria não se atreve, tem medo.* (E-2).

A capacidade de interagir é comprometida pela roda-viva: *eu vejo cada um fazendo aquilo que é seu e se fechando no seu universo.* (E-5).

Mesmo assim, ainda sobrevive o desejo de alguns docentes resistirem, de assumirem a condição de sujeitos, de terem voz ativa e enfrentarem a corrente da roda-viva.

Estão acabando com a educação superior. Eu acho que essa é a intenção. Eu não vou desanimar por isso. Vou continuar, até onde me permitirem, na escola pública. (E-12).

Apesar dessa dificuldade, tem muita gente ainda que resiste. É um momento que nós estamos vivendo. E nós vamos resistir enquanto nós pudermos. É isso que nós vamos fazer. (E-19).

Os movimentos descritos na canção, tal como a dinâmica contida nas falas dos entrevistados, fazem menção a momentos que implicam em empenho, dedicação, trabalho sério e sucessiva frustração. Esse ciclo, segundo nosso entendimento, descreve a experiência histórica paranaense em relação ao ensino superior. Nela, o tempo dos docentes vem passando por metamorfoses.

O descompasso existente entre o número de atividades e o tempo de que o docente dispõe para realizá-las acelera o cotidiano. De modo contrário, há compassos de espera em relação às ações que dependem dos órgãos governamentais. Há a falta de sintonia entre a dimensão dos tempos do professor e do poder público, pois respondem às necessidades com velocidades totalmente distintas.

Assim, o tempo, aspecto inexorável da vida humana – fonte dos ritmos, ciclos, fases, idades, estações, eras, minutos, etc. – se torna, também, fonte de angústia.

O tempo é uma das dimensões constitutivas das tramas sociais, campo em que se dão as relações interpessoais, no qual as estruturas se desenvolvem; é ele que tem a possibilidade de orientar e influir diretamente sobre o comportamento e sobre as expectativas ao demarcar o passado, presente e futuro. É sobre a relação que o docente estabelece com o tempo que têm incidido significativos impactos das atuais políticas, sobretudo aquele tempo que deveria se voltar para a criação de espaços para a criatividade, para a interação e que seria capaz de dar à docência um sentido de ação intelectual, formativa, crítica, criativa e construtiva.

No atual momento dos docentes das universidades paranaenses, o tempo se tornou uma roda-viva que dispersa no espaço, agita por dentro e corrói os coletivos.

REFERÊNCIAS

APPLE, Michael W. **Trabalho docente e textos: economia política das relações de classe e de gênero em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

HARGREAVES, A. **Os professores em tempos de mudança**: o trabalho e a cultura dos professores na idade pós-moderna. Lisboa: Mc Graw Hill, 1998.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MARX, Karl. Capítulo VI Inédito, **O Capital**, Livro I, volume I. São Paulo: Moraes, 1985.

PARANÁ. **Decreto N. 5.098, de 19 de julho de 2005**. Dispõe sobre os pedidos de afastamento ao exterior dos servidores das instituições estaduais de ensino superior. Diário Oficial do Estado do Paraná, Curitiba, 19 jul. 2005. Disponível em <http://celepar7cta.pr.gov.br>, acesso em 20/01/2007.

PARANÁ. **Lei Complementar N. 103, de 15 de março de 2004**. Dispõe sobre o Plano de Carreira do Professor da Rede Estadual de Educação Básica do Paraná. Diário Oficial do Estado do Paraná, Curitiba, 15 mar. 2004. Disponível em http://www.pde.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Leis/Lei_Complementar_103.pdf. Acesso em 22/01/2007.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SGUISSARDI, Valdemar. **Dearingreport**: novas mudanças na educação superior inglesa? IN: TRINDADE, Hélio (org.) **Universidade em ruínas: na república dos professores**. Vozes, Rio Grande do Sul: CIPEDDES, 1999.

_____. **Universidade pública estatal**: entre o público e o privado mercantil. Revista Educação e Sociedade. Campinas, vol. 26, n. 90, p. 191-222, jan./abr. 2005.